

Nos últimos anos deste século, a velocidade com que a tecnologia se renova promete remodelar drasticamente os ambientes de trabalho e de aprendizado. Projetar, prever, antecipar e testar essas possibilidades tem sido o trabalho da Escola do Futuro da Universidade de São Paulo, um laboratório de tecnologias a serviço da educação conectado aos mais avançados centros de pesquisa do mundo, como o MIT – Massachusetts Institute of Technology – e os do Vale do Silício, nos Estados Unidos. A Escola do Futuro, que inspirou e orienta o ensino numa recém-criada escola particular em Cotia, São Paulo – seu primeiro filhote fora do campus da universidade –, é a realização do sonho de um educador, o professor Fredric Michael Litto, que criou a escola e é seu diretor. Em entrevista ao JORNAL DO BRASIL, o professor Litto fala sobre o que será – ou já é – em sua opinião a educação para o terceiro milênio.



A educação do futuro

ANA LAGÔA

– O senhor acompanha os rumos da educação aqui e no exterior. A seu ver, a escola tem dado conta da tarefa que lhe foi designada pelos herdeiros da Revolução Francesa, ou seja, temos uma escola democrática, que prepara para a vida?

– Temos de admitir que a educação geral no mundo hoje é mais amplamente distribuída entre a população como um todo e é mais rica em escopo do que era 200 anos atrás. O desejo de maior “democratização” de conhecimento surgiu na sociedade ocidental, na qual a educação estava em mãos de organizações religiosas com agendas específicas, e apenas uma reduzida e abastada parcela da população tinha acesso à leitura e ao conhecimento formalizado (literatura clássica, ciência, retórica, teologia, direito). Hoje, todas as crianças estão presentes na escola por força de lei (se não por vontade própria); há uma variedade de opções de “sabores” educacionais para todos os gostos e em todos os níveis de aprendizagem; e é difícil imaginar um caso em que um jovem ou adulto realmente interessado em, e determinado a, adquirir o máximo de conhecimento não consiga atingir sua ambição. Assim, é impossível negar que o acesso à educação hoje seja significativamente mais democrático do que era em todos os tempos passados. Se a educação formal está efetivamente preparando os jovens para a vida adulta, é outra estória.

– De que forma?

– Embora seja complicado fazer grandes generalizações, ignorando exceções, acho que em geral o sistema educacional, público e privado, não está levando em conta o que já sabemos sobre cognição humana e sobre as formas de trabalho humano numa “sociedade de conhecimento” que nos espera. As instituições educacionais, no Brasil e fora, continuam preparando jovens, com práticas pedagógi-

cas tradicionais, para um tipo de sociedade que não existe mais – uma sociedade industrial, caracterizada por empregos sem oportunidade para criatividade ou inovações e uma “educação” caracterizada pela produção, numa linha de montagem, de milhões de indivíduos possuindo os mesmos conhecimentos memorizados e inúteis para os problemas práticos da vida. Em vez de ensinar como sobreviver domesticamente e profissionalmente, quais os direitos e deveres de um cidadão e como lidar com grandes acervos de informação sem se sentir soterrado pelos dados, nossas escolas concentram seus esforços na preparação do aluno para o vestibular da universidade – a memorização de informação inútil que logo será esquecida – ou o provão universitário – que homogeneiza o ensino superior, eliminando ênfases diferentes em currículos.

“As faculdades de educação representam hoje o principal obstáculo à modernização da educação”

– Como deve ser a educação moderna?

– Uma boa e moderna educação teria como meta preparar o futuro cidadão para o pensamento criativo (podendo achar soluções alternativas para uma gama grande de problemas), ecológico (pensando sempre em custo/benefício, “trade-offs”, frugalidade) e crítico (podendo identificar falácias lógicas em discursos políticos, em publicidade e em respostas de burocratas). Como alcançar esta meta? Criando condições otimizadas para a aprendizagem de ciências, matemática, estudos sociais, letras, artes e educação física – com o aluno aprendendo não pela memoriza-

ção de dados fatuais, mas em descobertas feitas por ele para solucionar problemas colocados pelo professor. Em vez de memorização, é importante que o aluno aprenda a compreensão profunda de princípios operacionais latentes em física, biologia, química, história, geografia, literatura e outros domínios. Reconhecendo que cada aluno é diferente dos outros não apenas nas suas impressões digitais mas também no seu “estilo cognitivo”, é obrigatório que cada aluno receba uma educação “sob medida” – a grande contribuição do computador e seus periféricos na sala de aula é exatamente o apoio ao professor na individualização da aprendizagem.

– E como isso se dá?

– Cada aprendiz tem uma configuração absolutamente individual de inteligência, e educadores nunca devem esperar os mesmos resultados de desempenho de pessoas diferentes. A educação para preparar o aluno para a vida também tem que incluir mais um ingrediente importante, que deve começar na educação fundamental, se repetir com mais sofisticação no ensino médio e de novo no ensino superior: como lidar com o conhecimento? (1) Como identificar problemas? (2) Como achar informação (Internet? CD-ROM? Livros? Entrevistas?) apropriada para solucionar um problema em mãos? (3) Como filtrar a informação para ficar apenas com a relevante e pertinente? (4) Como fazer as perguntas “certas” (que vão ao cerne do problema)? (5) Como tirar conclusões justas de evidências apresentadas? (6) Como relatar claramente, oralmente ou por escrito, a terceiros o que descobriu?

– A seu ver, quais os principais problemas do nosso sistema educacional, do ponto de vista da organização, da estrutura?

– Acredito que um gigantesco órgão burocrático, em nível nacional, como

um Ministério de Educação, dificilmente terá a agilidade necessária para atender às demandas cada vez mais urgentes e complexas das comunidades envolvidas em educação em um país grande como o Brasil. O papel de um Ministério de Educação hoje merece ser reconsiderado, não porque alguém esteja fazendo algo errado, mas porque sua existência cria a expectativa entre educadores de que as diretrizes sempre virão do órgão centralizador, de cima para baixo, e que não há necessidade de inovar localmente. Esta mentalidade passiva cria inércia, preguiça e fatalismo. Quando não há um ministério, o professor que não usa sua criatividade para fazer da sua sala de aula um lugar dinâmico e interessante é devorado pelos seus alunos.

“O empresário que não investe nas crianças vizinhas à fábrica não terá funcionários bem preparados”

– E os cursos de Pedagogia?

– As faculdades de educação representam hoje o principal obstáculo para a modernização da educação. Embora seus docentes individualmente sejam inteligentes e sagazes, surgiu um escudo defensivo em torno da instituição que não permite a fácil permeação de novas idéias. Qualquer sugestão de mudança recebe um arsenal de fogo demolidor. Fazendo uma generalização de novo, se fosse possível um eixo imaginário, com o pragmatismo americano de um lado e a reflexão crítica francesa no outro, acredito que as faculdades brasileiras de educação se encontrem

exclusivamente no segundo lado do eixo, pouco se importando com os problemas práticos da sala de aula, preferindo a produção de docentes e discentes críticos, desejosos de transformar a sociedade num lugar mais justo. Mas ao se concentrar exclusivamente neste foco, esquecem-se de obrigar o futuro professor a ter contato com aparelhos úteis na sala de aula (retroprojeto, videocassete, computador, Internet) ou de formar coordenadores tecnológicos para escolas – os importantes facilitadores que garantirão a suave introdução de novas tecnologias nas escolas.

– E o empresariado, não estaria mais à frente, já que muitas empresas estão se preocupando com essa, digamos, facilitação?

– O empresário brasileiro típico não consegue enxergar além do seu nariz – é incapaz de perceber que se ele não investir agora numa educação plena, profunda e enriquecedora para os alunos que moram em volta da sua fábrica ou escritório, em 10 ou 15 anos ele não terá executivos ou funcionários bem preparados para ajudar sua empresa a crescer. Há necessidade de uma “Iniciativa Educacional Empresarial”, que angarie os recursos necessários para transformar as redes públicas do país em modelos para aprendizagem em todas as faixas etárias. O setor público, trabalhando sozinho, não vai dar conta do recado, que é grande. ONGs, fundações e cooperativas de pais vão ser necessárias, também. Mas o Ministério da Fazenda limita as possibilidades de captação de recursos, oferecendo a dedução de Imposto de Renda apenas às empresas que contribuem para entidades filantrópicas, como escolas, museus, bibliotecas e hospitais; pessoas físicas não têm este direito, como antes. Quem está comandando este navio transoceânico com tantas ordens contraditórias?

Continua na página 2